

IDENTIDADE: ZYGMUNT BAUMAN X STUART HALL

Ruth Negreiros da Silva

Mestranda em Letras: Linguagens e Identidades pela Universidade Federal do Acre. Especialização em Pedagogia Gestora pela Faculdade Euclides da Cunha (2010). Graduação em Licenciatura em Letras – Inglês (2006). Secretária Executiva lotada no *campus* Floresta. ruth.ufac@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho se propõe a traçar um paralelo confrontando as ideias a respeito do tema identidade, sob a ótica de dois teóricos, no sentido de expor os conceitos e abordagens que ambos fazem no que se refere a questão identitária. Pretendemos enfatizar em que pontos o pensamento desses autores convergem ou se desencontram bem como quais impactos a globalização tem trazido para a constituição da identidade na modernidade. A iniciativa nasceu tomando como base os debates realizados na disciplina Discurso, Sujeitos e Identidades do Programa de Pós-Graduação em Letras Linguagem e Identidades da Universidade Federal do Acre. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica visando fazer o levantamento dos conceitos e contextualizações necessários à abordagem pretendida. Os dois estudiosos analisados foram Hall (2005) com a obra *A identidade cultural na pós-modernidade* e Bauman (2001, 2005) com as obras *Modernidade Líquida* e *Identidade*, por serem considerados nomes importantes no que tange ao estudo tão em voga do tema Identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Globalização. Modernidade.

ABSTRACT: The present work proposes to draw a parallel comparing the ideas about the subject identity, from the point of view of two theorists, in the sense of exposing the concepts and approaches that both make with regard to the identity issue. We intend to emphasize in which points the thoughts of these authors converge or disagree as well as what impacts globalization has brought to the construction of identity in modernity. The initiative was born based on the discussions held in the discipline Discourse, Subjects and Identities of the Postgraduate Program in Language and Identity Letters of the Federal University of Acre. The methodology used was the bibliographical research aiming to make a compilation of the concepts and contextualizations necessary to the intended approach. The two scholars analyzed were Hall (2005) with the work *The cultural identity in postmodernity* and Bauman (2001, 2005) with the works *Net Modernity* and *Identity*, for being considered important names in what concerns the study so present nowadays about the theme Identity .

KEYWORDS: Identity. Globalization. Modernity.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos os estudos a cerca do tema identidade têm aumentado consideravelmente. Podemos atribuir o crescente interesse por essa temática graças ao processo de globalização, que permite uma interação em grande escala entre indivíduos de diversas nações. As barreiras espaciais e virtuais são ‘quebradas’ e a possibilidade de contato com outras culturas, línguas e costumes se alarga demasiadamente.

A partir do momento que passamos a ter contato com pessoas de diferentes nacionalidades ou menos ainda, de outros estados somos afetados por conta desse contato. Somos influenciados culturalmente, socialmente ou até nacionalmente. Ao receber este tipo de influência nunca seremos os mesmos de outrora. Há uma troca involuntária que exerce sua força ‘invisível’ em nossa identidade, refletida em nosso modo de falar, em nossas preferências, etc.

No entanto, tais influências nem sempre são percebidas do dia para a noite. Sendo assim, precisamos pensar a identidade como uma construção histórica e relacional, conceitos esses que veremos mais detalhadamente sendo abordados por Stuart Hall¹ e Zigmunt Bauman² que são nossa base para a elaboração deste artigo, uma vez que traçar um paralelo confrontando as ideias de ambos, no sentido de expor os conceitos e abordagens que fazem a respeito da questão identitária se constitui em nosso objetivo central. Pretendemos enfatizar em que pontos o pensamento desses teóricos convergem ou se desencontram.

Para tanto, trabalhamos os apontamentos feitos nas obras *Identidade e Modernidade Líquida* de Bauman; e de Hall investigamos *A identidade cultural na pós-modernidade*.

Essa ideia apresentou-se no decorrer das aulas da disciplina Discurso, Sujeitos e Identidades, ministradas pela professora Maria de Jesus Morais, onde diversos questionamentos e leituras foram oportunizados visando à realização de um trabalho final da disciplina voltado para uma temática de livre escolha que tivesse relação com as explicações que se deram em sala de aula.

¹ Teórico cultural e sociólogo jamaicano, negro. Foi um dos fundadores da escola de pensamento que hoje é conhecida como Estudos Culturais. Foi professor de sociologia na Open University da qual se aposenta em 1997, tornando-se Professor Emérito.

² É um sociólogo polonês. Vivenciou a Segunda Guerra Mundial e a ocupação nazista que o fez se exilar na União Soviética. É professor emérito da Universidade de Leeds.

No primeiro momento abordamos as concepções de identidade, onde vemos como os estudos acerca do tema foram evoluindo historicamente e, como os conceitos de identidade foram sendo reestruturados.

A segunda parte do texto trata da identidade na era da globalização, ou seja, o que seria a identidade hoje, no mundo em que vivemos, trabalhamos, nos relacionamos. Procuramos mostrar de que forma o mundo pós-moderno é afetado por essa diminuição das fronteiras que faz com que nossas identidades sejam ‘líquidas’.

AS CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE

Para entendermos o modo como a identidade é pensada atualmente é pertinente retornarmos aos processos ou concepções pelos quais o tema já foi abordado. Para isso, exploramos os conceitos apresentados por Hall (2005) e Bauman (2001 e 2005) dentro de uma perspectiva histórica.

Hall (2005) nos diz que os estudos a respeito da identidade estão pautados em três concepções baseadas em diferentes períodos históricos da humanidade, que apresentam as imagens que foram sendo construídas no que se refere à temática identitária, bem como os papéis que o indivíduo desempenhava em cada momento da história.

Para ele a primeira concepção diz respeito ao sujeito do Iluminismo (século XVIII), momento a partir do qual se instalou a problemática da identidade e os primeiros questionamentos a seu respeito e sua formação. Nesse período o homem era visto

como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2005, p. 10).

Significa dizer que a essência da identidade humana não poderia ser modificada, nascia pronta e assim permanecia até o fim da vida do indivíduo. Havia uma crença numa identidade plena, completa, imutável. Na concepção de Bauman (2001) essa seria a identidade denominada por ele de sólida, impenetrável, que não se molda, a qual necessitava de muita força para ter sua forma alterada. Como ele enfatiza: “os sólidos são moldados para sempre” (BAUMAN, 2001, p. 14), não há perspectiva de maleabilidade ou ‘moldabilidade’.

No final do século XVIII e início do XIX surge outra concepção de identidade que é do sujeito sociológico ou pré-moderno. Nesse ponto de vista a identidade passou a ser estudada sob uma ótica ‘interativa’, já que era “formada na interação, entre o eu e a sociedade” (HALL, 2005, p. 11). Em outras palavras, a essência interior de cada um era chamada de identidade, no entanto, ela recebia influências da sociedade com a qual o sujeito estivesse interagindo. Já em Bauman esse conceito pode ser apresentado como o ‘sólido pré-moderno’, ou seja, estruturas que uma vez foram intactas, inalteráveis e encontravam-se, naquele momento, vulneráveis ou “em estado avançado de desintegração” (2001, p. 10). Nesse período a identidade já era concebida como passível de receber influências do meio. Vivia-se um período de transição para o próximo momento histórico do ser identitário, já que o sujeito, antes imutável “está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12).

A terceira concepção de identidade apresentada por Hall é a do sujeito pós-moderno que revela que “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (2005, p. 13). O termo ‘continuamente’ enfatiza o caráter volúvel e instável da identidade na pós-modernidade, uma identidade que é (re)formulada dia-a-dia. Para essa ideia de pós-modernidade o teórico Bauman usa a expressão ‘nova ordem’ (2001, p. 10) e ‘modernidade fluida’ (2001, p. 15) e apresenta apontamentos que condizem com os de Hall, uma vez que acredita que vivemos na era dos líquidos, onde as identidades apresentam um caráter muito mais inconstante e flexível.

Segundo ele

chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los nela (BAUMAN, 2001, p. 14).

Vivemos, portanto, a era das identidades fragmentadas, onde muitas vezes diversos ‘eus’ convivem em um único ser. A essência humana deixou de ser pura, imaculada como concebida no período do sujeito iluminista. Na pós-modernidade tudo é mais móvel, a identidade é muitas vezes, provisória.

Bauman ainda reforça esse caráter liquefeito da identidade na ‘nova ordem’ quando diz:

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em ‘movimento’ – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes

que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (2005, p. 32).

Fica evidente que para o sociólogo polonês os próprios relacionamentos ganham caráter volúvel e instável, frutos da nova característica instável das identidades modernas. Os relacionamentos tornam-se líquidos, passageiros, instáveis, fragilizados.

Resumidamente podemos dizer que as “sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2005, p. 14). Esta seria a diferença entre as sociedades tradicionais e nossas sociedades atuais.

Diante do que foi apresentado na primeira parte deste trabalho fica claro que ambos os teóricos em estudo traçam um perfil histórico acerca das preocupações com o estudo da identidade, bem como têm pensamentos muito parecidos no se diz respeito à ação do ser humano nesses períodos históricos, mudando apenas algumas nomenclaturas. Fica evidente que a identidade é como diz Hall, “construída historicamente” (2005, p. 13), já que assumimos identidades diferentes de acordo com o local ou a conveniência. Além de ser relacional no sentido de que é construída mediante a ação das trocas existentes entre os sujeitos.

GLOBALIZAÇÃO E DESLOCAMENTO

Vivemos uma era em que as fronteiras espaciais e virtuais são facilmente transpostas. A multiplicidade dos contatos que temos em nosso cotidiano é fruto desse fenômeno tão comentado que é a globalização.

O grande fluxo de migrações entre países, os acordos comerciais e políticos e a internet têm deixado o trânsito entre os estados-nação bem mais intenso. A Internet é a principal ferramenta do mundo globalizado, pois nos permite ‘estar’ em vários lugares num único dia e ‘conversar’ com pessoas em diferentes locais do planeta na mesma hora. Nesse contexto a identidade passa a ser muitas vezes, uma invenção, nunca é uma certeza absoluta, pois no mundo virtual pode-se assumir a postura (identidade) que se desejar. Pode-se ‘ser’ quem quisermos.

No entanto, não é apenas no mundo das mídias sociais que as identidades são passageiras, o próprio sentimento de nacionalidade sofre abalos sísmicos no mundo identitário. Para Bauman “globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter

uma união sólida e inabalável com a nação” (2005, p. 34) e isso faz com que muitas vezes uma nação tão grande em termos territoriais como o Brasil possua diferentes e inúmeros traços considerados comuns aos indivíduos que se denominem brasileiros.

Como bem reforça Hall

quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’ (2005, p. 75).

O autor argumenta com isso que há uma ‘infiltração cultural’ na era pós-moderna e exemplifica com a situação de que não precisamos sair de nossa cidade para experimentar um prato típico de outro país, graças às redes de restaurantes étnicos espalhados pelo mundo (2005, p. 79).

A identidade nacional também se vê esfacelada, não é mais entendida como resultado de traços raciais ou de aparência, já que os estilos (vestimentas, músicas, comidas, acessórios, corte de cabelo) entre países estão cada vez mais miscigenados entre si, se sobrepõe a qualquer traço tradicional, não existindo um estilo único para determinada nacionalidade. Tais “fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’” (HALL, 2005, p. 74).

Na verdade, para Bauman se apegar a durabilidade de estruturas de referência numa época como a nossa é algo impossível já que “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (2005, p. 32). O pensamento do polonês é condizente com o de Hall que afirma que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (2005, p. 13).

Outro aspecto abordado por ambos os autores dentro da perspectiva da globalização é o conceito de ‘deslocamento’. Primeiramente Hall nos diz que “uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por ‘uma pluralidade’ de centros de poder” (2005, p. 16), ou seja, a identidade sofre uma fusão de forças externas, influências essas que convivem nem sempre harmoniosamente entre si. Estar descolado implica em não saber exatamente quem você é.

Bauman exemplifica tal conceito falando de si próprio ao ser obrigado a sair de seu país:

Em todo e qualquer lugar eu estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – ‘deslocado’. [...] Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda

parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, em que alguns aspectos da pessoa ‘se sobressaem’ e sejam vistos por outras como estranho), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora (2005, p. 18 – 19).

Vemos que o deslocamento deixa o indivíduo fragilizado, já que em dados momentos ele se sente incapaz de se considerar parte de um grupo, de um lugar, de uma cultura exclusiva. O ser muitas vezes, não se enxerga parte de lugar nenhum. Essa pessoa está, portanto, no ‘entre lugar’, conceito explorado por Homi Babha³. Nada é duro e sólido; a própria identidade não existe em si mesma.

E Bauman continua reforçando tais conjecturas quando diz que “se você fica me instigando a declarar a minha identidade (ou seja, o meu ‘eu postulado’, o horizonte em direção ao qual eu me empenho e pelo qual eu avalio, censuro e corrijo os meus movimentos), esse é o máximo a que me pode levar. Só consigo ir até aí...” (2005, p. 21). Vemos que o caminho para uma identidade plena é algo incerto, existe apenas um horizonte que vislumbra de longe essa possibilidade. Não podemos nos definir de forma exata, completa e acabada, uma vez que estamos em constante liquefação. Nossas identidades estão em intensa movimentação.

No que se refere a essa questão Hall também faz apontamentos interessantes como ao dizer que as identidades modernas “são caracterizadas pela diferença; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos” (2005, p. 17). Daí a sensação de não se estar no seu ambiente, de sentir-se, muitas vezes, como não parte de um grupo ou de sentir-se confuso quanto a sua própria identificação, uma vez que nos identificamos com diversas culturas, línguas, nacionalidades, costumes, etc. e adotamos traços dessas culturas para nossa personalidade (identidade).

Um conceito mais simples de globalização dentro da perspectiva do deslocamento é apresentado dessa forma: “é a ‘compressão do espaço-tempo’, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 2005, p. 69). O que dizer do 11 de setembro? O mundo parecia estar participando presencialmente de evento tão horrendo e destruidor. Mais recentemente o furacão no Haiti pareceu ter devastado grande parte do mundo. Sentimos como se estivéssemos

³ Esse autor trabalha conceitos importantíssimos como o hibridismo principalmente nas questões pertinentes à identidade. A obra a que fazemos referência é *O local da cultura*.

vivenciando de perto esses acontecimentos, com sentimentos de extrema solidariedade e compaixão; como se fôssemos parte daquele lugar.

Talvez por conta dessa sensação de ‘pertencimento’ a situações espacialmente distantes é que Hall enxerga o deslocamento como possuidor de características positivas. Citando Laclau ele enfatiza que o deslocamento “desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos” (LACLAU, 1990, p. 40 *apud* HALL, 2005, p. 17 – 18). Visto assim o deslocamento é a possibilidade de um (re)fazer-se contínuo. Uma oportunidade de (re)atualizarmos nossas identidades, já que somos cercados continuamente por características diferentes que exercem poder sobre nós. Dessa forma, caminhamos para uma homogeneização global de culturas tendo em vista o hibridismo que impera sobre as identidades atuais.

Bauman também observa que o estar deslocado pode ter pontos positivos, pois, oferece uma facilidade maior ao sujeito de percorrer diversos universos (linguístico, psicológico, cultural, etc.) dando-lhe a possibilidade inserir-se ou não em determinado universo (2005, p. 20). Para ele a identidade nunca é algo pronto, mas sempre “é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir” (2005, p. 21 – 22) e, que vai sendo construída ao longo da vida, sem nunca está definitivamente formada, graças às trocas sociais que se efetivam na socialização.

Nessas trocas culturais as identidades vão sendo reconfiguradas socialmente já que nos realizamos enquanto seres humanos no convívio social que se dá no desenrolar cronológico do tempo histórico. E isso é corroborado por Hall ao enfatizar que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (2005, p. 38). Vemos que para ele o conceito de uma identidade que nasce completa e permanece intocável durante a vida do ser humano é algo que não existe, já que a dinâmica da vida na pós-modernidade revela uma identidade sempre incompleta, sempre em processo de formação, sempre em movimento.

Podemos exemplificar o que foi posto até aqui com a figura do migrante. Ele sai de seu lugar de origem e ao chegar a outro local, precisa se adaptar a uma nova língua, uma nova cultura, novos costumes. Ele não abandona ou esquece totalmente todo o arcabouço cultural e social que traz consigo, no entanto, faz uma reconfiguração ao adotar ou misturar (hibridizar) traços de sua herança (cultura) de origem aos novos elementos culturais apresentados no meio social em que se inseriu. Sua identidade, portanto, sofre rupturas, fragmentações e infiltrações.

Fica claro que para os autores em estudo esse fluxo frenético da vida moderna (ou pós-moderna) é algo que não tem como retroceder. A intensificação dos fluxos migratórios, econômicos e a veiculação descontrolada de informações permitem que as identidades mais difusas convivam entre si.

Somos confrontados por uma gama de identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2005, p. 75).

As identidades não estão mais presas a uma única cultura isolada: pode-se ser argentino de nascimento, usando roupas de estilo americano e possuir equipamentos de última geração fabricados no Japão; assim como um negro pode, por exemplo, lutar pela causa do preconceito contra as comunidades negras, mas outro negro pode abraçar a causa do direito a aceitação da opção sexual, etc. A identidade é, sob essa ótica, leve, precária e provisória, já que essas pessoas podem, em questão de dias ou meses, mudar totalmente essas ideologias às quais estavam ‘presas’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já que a proposta do presente trabalho era traçar um paralelo para confrontar as ideias de Stuart Hall e Zygmunt Bauman a respeito da evolução da temática identitária e onde seus apontamentos se encontram ou se desencontram, concluímos que a pesquisa bibliográfica foi satisfatória no sentido de revelar que nos aspectos expostos dentro das obras estudadas ambos possuem pensamentos bem parecidos, não divergindo entre si na essência contéudística.

Existe, no entanto, uma diferença de uso de termos e expressões que de certa forma foram salientados no texto, revelando o estilo peculiar de cada um.

Na primeira parte do texto vimos que ambos os estudiosos possuem visões similares quanto à evolução dos estudos acerca do tema abordado, ressaltando que Bauman (2001, 2005) apresenta apenas duas divisões (concepções para Hall), mas nada que cause divergência entre os pensamentos deles.

Na segunda parte percebemos que ambos concordam que na modernidade (ou era liquefeita) as identidades não possuem forma sólida ou definida, pelo contrário estão em constante transformação, sejam influenciadas pelo sentimento de deslocamento ou pela frenética intensidade com que a vida na sociedade dos líquidos corre.

Pode-se aferir por fim, que a identidade é uma construção histórica e relacional que nunca estará terminada, sendo (re)modelada a cada dia de vida do sujeito. As identidades vivem em constante processo de esfacelamento, sendo reestruturadas concomitantemente.

REFERÊNCIAS

BABHA, Homi. **O local da cultura**. Traduzido Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, UFMG, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Traduzido por Calos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Traduzido por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2005.